

# Tipologia da consciência

## Um estudo comparativo baseado na filosofia de C. S. Peirce

---

JOÃO QUEIROZ

**Resumo** Apesar do interesse crescente de muitas comunidades científicas pelo fenômeno da *consciência*, e apesar dos avanços obtidos recentemente por estas comunidades, multiplicam-se questões básicas sobre teorias, métodos, modelos e protocolos de investigação adequados; multiplicam-se as divergências sobre definições e demarcações conceituais e terminológicas. Parece, entretanto, haver uma questão consensual, embora não resolvida, que aproxima materialistas e dualistas, reducionistas e epifenomenalistas de muitas áreas: a consciência é um estado, processo ou entidade, que manifesta-se heterogeneamente. Como classificar a heterogeneidade de suas *formas*?

**Palavras-chaves** consciência, tipos de consciência, *self*, C.S. Peirce.

**Abstract** In spite of the increased interest of several scientific communities in the phenomenon of consciousness, and in spite of the recent results they have obtained, many basic questions about the most adequate theories, methods, models, and protocols for investigation concerning this topic remain, as well as disagreements about conceptual and terminological definitions. However, there does seem to be a consensus among dualists, materialists, reductionists and epiphenomenalists from many fields that consciousness is a state, process or entity, which express itself heterogeneously. This, therefore, leads to the question of how to classify the heterogeneity of its forms.

**Key words** consciousness, kinds of consciousness, *self*, C.S. Peirce.

Há uma explosão sem precedentes de estudos sobre *consciência*. Pesquisadores de muitas áreas — Computação, Etologia, Física e Matemática, Antropologia, Psicologia, Ciências e Neurociências Cognitivas, Filosofia, Linguística, etc. — organizam simpósios, periódicos, volumes e antologias, sites e cursos sobre o tema<sup>1</sup>. Este parece, entretanto, ser o objeto de convergência pluri e interdisciplinar que mais produz divergência na recente História das Ciências. Multiplicam-se questões sobre definições e demarcações conceituais e terminológicas, sobre teorias, métodos, modelos, protocolos de investigação. Divergem, num mesmo departamento, visões gerais (*general frameworks*) sobre problemas *básicos*: como definir consciência? trata-se de um processo, entidade, estado, propriedade? Qual sua natureza? Como, se possível, tratar deste processo (ou entidade?) Em partes? Qual sua função? Quais os níveis de descrição e análise adequados para compreender seu aparecimento filo e ontogeneticamente? Quais seus correlatos biológicos? Como, se possível, simular seu funcionamento?

Há, apesar da diversidade e concorrência de teorias, que P. Churchland (1984) distribui em mais de dez sistemas de pensamento (!), questões que aproximam materialistas e dualistas, reducionistas e epifenomenalistas<sup>2</sup>. Vou discutir, aqui, uma destas questões. Ela foi assim resumida por Colin Allen (2000): "*A despeito da recente invasão de trabalhos filosóficos e neuropsicológicos sobre consciência muito permanece confuso sobre sua noção, incluindo, mesmo, se há tão somente uma*

1. Obtive os seguintes resultados, em recente levantamento que fiz em dois dos mais importantes sites de busca de artigos em áreas biológicas: *Medline-webscience* — neste ano (2000) 247 artigos foram publicados sobre consciência; entre os anos 1998-2000, 1.420 artigos foram publicados. No site de busca *BioMedNet*, o mais completo de que tenho notícia, uma busca indiscriminada (sem restrições de busca) resultou em 14.537 artigos selecionados sobre consciência. Há, pelo menos, três jornais exclusivamente voltados para o tema: *Cognition and Consciousness*, *Journal of Consciousness Studies*, *Psyche* (<http://psyche.cs.monash.edu.au/>). Não seria possível listar o número de simpósios e congressos recentemente ocorridos. Para os que estiverem interessados nas principais associações de pesquisas, ver: *Brain Project* ([http://www.culture.com.au/brain\\_proj/](http://www.culture.com.au/brain_proj/)) e *Association for the Scientific Study of Consciousness* <http://www.assc.caltech.edu/>.
2. A lista de Paul Churchland (1984; ver também Guzeldere 1997: 1-67) inclui: Dualismo, que subdivide-se em Dualismo Cartesiano (substance dualism), Epifenomenalismo (property dualism), Interação, Emergentismo, Elemental-property dualism; Materialismo, que subdivide-se em Teoria da Identidade, Reduccionismo, Eliminativismo; Monismo não-fisicalista, e outros. Tal contingente de quadros teóricos levou pesquisadores e filósofos a afirmações como a de Dennett (1991: 21) — "consciência é um constructo que não sabemos ainda como abordar ou investigar produtivamente. [...] Um mistério [...] um fenômeno sobre o qual as pessoas não sabem, ainda, como pensar".

única noção". Para Anthony P. Atkinson (et al. 2000), "o conceito de consciência é notoriamente difícil de definir [...] porque se refere a um fenômeno heterogêneo."

Como classificar este fenômeno? Esta é a principal motivação deste trabalho. Como as diversas classificações de tipos de consciência podem se beneficiar de uma teoria das categorias em filosofia? Minha idéia é que as categorias do lógico-matemático C.S. Peirce são capazes de absorver, por sua generalidade e sistematicidade, as muitas classificações construídas *ad hoc* de diferentes tipos de mente e de consciência.

Este trabalho propõe o desenvolvimento de um problema de acordo com uma nova perspectiva de abordagem. Localizei e demarquei os limites deste problema e desta abordagem. Sei que, para efeito de um desenvolvimento efetivo, teria de submeter o modelo tripartite peirceano que apresento a uma bateria de testes. Para os estudiosos da obra de Peirce isto forneceria um fértil "campo de provas" de seu sistema de categorias. Peirce, um filósofo-cientista (ver Nubiola 2000), certamente apreciaria ver seu modelo submetido a testes de refutabilidade.

#### DEPARTAMENTO DE AÇÃO MENTAL

A questão tratada aqui é a seguinte: a extraordinária diversidade de eventos e estados mentais que se expõem à observação pode ser agrupada em *formas* similares ou homólogas? Quando examinamos a mente, se não somos Eliminativistas (Churchland 1984: 43-49) e descremos radicalmente dos métodos conhecidos para fazê-lo, e dos resultados obtidos por tais métodos (por exemplo Rorty 1971), observamos coisas como idéias, volições, tendências, pensamentos, paixões, representações, sensações, percepções, hábitos, *feelings*, reações, conceitos, *insights*. Tem sido sugerido que, para explicar o que examinamos, se estamos de acordo sobre o que observamos (Wilkes 1988), a primeira coisa conveniente a fazer é uma classificação — *dividir* o que examinamos em processos e/ou entidades, estados, eventos, de diferentes *tipos*.

Resulta desta divisão o que Peirce (CP 7.539) chama de "*departamentos da ação mental*". Dos gregos, passando pelos escolásticos, Kant e Hegel, William Hamilton e Mill, até Dennett, Ned Block, Lycan e Damasio, Tyler Burge, Pinker e muitos outros, diferentes soluções foram propostas. Estas soluções correspondem a tipologias e taxonomias. Elas prevêm uma partição do fenômeno observado em classes e sub-divisões destas classes — da mente em tipos de mente, da atividade mental em "*componentes da atividade mental*" e em "*módulos mentais*".

## TIPOS DE MENTE E DE CONSCIÊNCIAS

Há, entretanto, uma enorme miscelânea de projetos e termos classificatórios, a maioria dos quais construídos no embalo dos resultados empíricos — “*apavorados com dificuldades lexicográficas*” (Uttal 2000). Discutindo a repercussão e o impacto destas dificuldades em pesquisas sobre a localização de performances cognitivas no cérebro, Uttal argumenta:

Os módulos mentais que a psicologia correntemente usa são, ou a priori, ou construções hipotéticas ad hoc, ou são operacionalmente definidas pelos experimentos que usamos para estudar atividades mentais. [...] Certamente ainda não dispomos de uma classificação adequada de processos mentais.

É notório que também não dispomos de uma classificação abrangente de processos mentais conscientes<sup>3</sup>. Segundo Block (1995, 1996), que produziu “a mais útil e influente tentativa de articular distintos conceitos de consciência” (cf. Atkinson *et al.* 2000), há uma ubíqua confusão nas pesquisas sobre consciência e a fonte desta confusão está na distinção entre consciência fenomenal e consciência de acesso.

Não é o objetivo deste tópico mapear *todas* as tentativas de classificação conhecidas. Meu propósito aqui é ilustrar o que chamei de “*miscelânea classificatória*”. Vou mencionar alguns dos mais conhecidos exemplos. Voltarei a referir-me a eles na última seção deste trabalho. Natsoulas (1978) distingue sete diferentes modos nos quais o termo consciência tem sido usado. Segundo Tulving (1985), há três tipos de consciência: anoética (*nonknowing*), atenção simples de estímulos externos; noética (*knowing*), que envolve atenção de representações simbólicas do mundo; e auto-noética (*self-knowing*), que envolve atenção do *self* e experiência pessoal estendida no tempo. Para Armstrong (1979), é útil distinguir três sentidos da palavra consciência: “mínima consciência” que é “*a ocorrência de qualquer atividade mental, o sujeito esteja atento ou não dessa atividade*”; consciência perceptual que é a atividade perceptiva; e consciência introspectiva, como foi “*concebida por Locke e Kant: consciência dos estados mentais e atividades correntes do próprio sujeito. Ela inclui consciência introspectiva da própria consciência introspectiva*”. Farthing (1992: 13) distingue entre uma consciência primária — atenção perceptual de estímulos externos e internos — e consciência refletida — pensamentos sobre as experiências da própria consciência. Segundo Gazzaniga (1998: 532), que

3. Para uma discussão sobre as relações entre mente e consciência, em Peirce, ver : CP 7.365, 7.366.

adota uma divisão de S. Pinker, há três tipos de consciência: (i) *sentience*, que se refere a uma "consciência subjetiva, atenção fenomenal"; (ii) consciência de acesso à informação, "que envolve a habilidade de reportar o conteúdo da experiência mental"; (iii) consciência de auto-conhecimento. Para A. Damasio (2000), há dois tipos de consciência, que correspondem a dois tipos de *self*: consciência central, associada a um *self* central, que é "uma entidade transitória, incessantemente recriada para cada objeto com o qual o cérebro interage", e uma consciência ampliada, "que possui muitos níveis e graus e fornece ao organismo um complexo sentido do *self*", que Damasio (ibid., 35) chama de *self* autobiográfico. Block (1995, 1996) propõe uma distinção entre *consciência fenomenal* e *consciência de acesso*: a primeira refere-se a natureza qualitativa da experiência e está especialmente associada a sensações corporais e experiências perceptivas; a segunda refere-se a habilidade de reportar nossas experiências e de agir sobre elas.

Esta série de classificações (ver as Tabelas 1 e 2) poderia ser somada com muitos outros exemplos – Chalmers (1997), Burge (1997), Searle (2000), etc. Como já mencionei, é uma questão consensual que, como alerta Damasio (2000: 33), "a consciência não é um monólito, pelo menos não nos seres humanos: ela pode ser separada em tipos complexos e simples".

O que Uttal (2000) chamou de "dificuldade lexicográfica" tem raízes em uma etapa de alinhamento e ajuste de diferentes conceitos e termos. São conhecidos os desdobramentos que esta etapa, negligenciada, termina por produzir em fases ulteriores de investigação. Segundo Gazzaniga (1998: 532), "os cientistas [...] são culpados por usar o termo consciência de tantos modos distintos que torna-se impossível verificar sobre o que cada um está falando". Minha argumentação, a partir deste ponto, é que a teoria das categorias de Peirce deve ser capaz de *mode-*

TABELA 1: MODELOS DICOTÔMICOS DE CONSCIÊNCIA

Block	consciência fenomenal	⇒	experiência de primeira pessoa o que pode ser observado
	consciência de acesso	⇒	
Farthing	consciência primária	⇒	atenção perceptual de estímulos externos e internos pensamentos sobre a experiência do próprio indivíduo <i>per se</i>
	consciência refletida	⇒	
Damasio	consciência central	⇒	simples sentido do <i>self</i> – aqui e agora complexo sentido do <i>self</i> – identidade em um tempo histórico
	consciência ampliada	⇒	

TABELA 2: MODELOS TRICOTÔMICOS DE CONSCIÊNCIA

Tulving	anoietica (nonknowing) ⇒	atenção simples de estímulos externos
	noietica (knowing) ⇒	atenção de representações simbólicas do mundo
	autonoietica (self-knowing) ⇒	atenção do self e experiência pessoal estendida no tempo
Armstrong	mínima consciência ⇒	ocorrência de qualquer atividade mental
	consciência perceptual ⇒	atividade perceptiva
	consciência introspectiva ⇒	consciência dos estados mentais e atividades correntes do próprio sujeito
Pinker (Gazzaniga)	Sentience ⇒	consciência subjetiva
	consciência de acesso ⇒	experiência mental reportável
	auto-conhecimento ⇒	auto-conhecimento

lar as muitas classificações conhecidas, isto é, deve ser capaz, por sua generalidade, de fazer o que chamei de alinhamento e ajuste de conceitos e termos.

## TEORIA DAS CATEGORIAS

O que, exatamente, uma teoria das categorias tenta explicar? A questão aqui, que preciso simplificar, assemelha-se à questão formulada na seção II: uma extraordinária diversidade de estados e eventos observados pode ser explicada a partir de formas fundamentais? De acordo com Hausman (1993: 94), *"as categorias, em filosofia, são concepções fundamentais, no sentido em que são condições de inteligibilidade"*. Para Hookway (1985: 80), *"uma teoria das categorias é uma série de concepções altamente abstratas e que funciona como um sistema completo de summa genera, qualquer objeto do pensamento ou da experiência devendo pertencer a uma das categorias deste sistema"*.

Na obra de Peirce, que Ketner (1995: 243; ver Kuntz 1994: 178) considera um "adaptive methodologist" – "alguém especializado em aplicar métodos de uma ciência em áreas de outras ciências" – as categorias constituem um princípio metateórico (Pape 1997: 182) cujo desenvolvimento requer interpretações formais à análise fenomenológica. A construção deste princípio, que tem fundações na matemática (ver Parker 1998), combina ciências e "métodos do racionalismo e empiricismo, sem que um seja absorvido pelo outro" (Freeman 1934: 3; ver Rosenthal 1995, 1997, 2000). Esta associação visa justificar certas propriedades: (i) completude, porque a

lista de categorias deve ser exaustiva, (ii) irreducibilidade de seus elementos, porque eles devem ser radicalmente distintos, (iii) composicionalidade de seus elementos, porque a lista forma um sistema de relações entre seus elementos.

Entre as ciências usadas por Peirce, aquela cujos métodos e resultados mais nos interessam, aqui, é a Fenomenologia, ou Faneroscopia (das palavras gregas *το φανερον*, sinônima de *φαινομενον*, e de *σκοπειν*, e que significam "olhar em") – Faneroscopia "é a descrição do faneron – o total coletivo de tudo aquilo que está, de qualquer modo ou em qualquer sentido, presente à mente, sem consideração sobre se corresponde a algo real ou não" (Peirce CP 1.284).

Como domínio de validação empírica das categorias, a Faneroscopia "*mostra que as relações formais estudadas na lógica matemática possuem correlato material na experiência*" (Parker 1998: 105), um princípio cuja operatividade baseia-se no que Pape (1997) chama de "isomorfismo estrutural" entre os processos de pensamento e a realidade (cf. Peirce, NEM 4: 343-5)<sup>4</sup>.

O que eu chamo de Faneroscopia é aquele estudo que, baseado em observação direta dos fânerons, e generalizando suas observações, indica suas diversas classes gerais; descreve as características de cada uma delas; mostra que, embora inextricavelmente misturadas, tal que não podem ser isoladas, ainda assim é manifesto que seus caracteres são distintos; então prova, além de qualquer questão, que uma curta lista constitui as mais gerais categorias que existem nos fânerons; finalmente, prossegue com a difícil e laboriosa tarefa de enumerar as principais subdivisões destas categorias (Peirce CP 1.286).

O resultado das investigações conduzidas pela Faneroscopia indica, "*em notável analogia com as combinações químicas*" (Peirce CP 5.469), e confirmando experimentos conduzidos em domínios formais (alguns dos quais inventados por Peirce, como por exemplo, os Grafos Existenciais), que três categorias são suficientes e necessárias para explicar toda a variedade de fenômenos observados na mente<sup>5</sup>.

4. Para os que estão interessados nas fundações formais da teoria das categorias peirceanas, recomendo: Parker (1998), Brunning (1997), Burch (1991, 1997), Ketner (1986, 1987); sobre a "*dinâmica experimental*" de seu desenvolvimento: Rosenthal (1994, 1997, 2000); sobre a classificação das ciências: Santaella (1992).
5. Os Grafos Existenciais resultam da integração de um pensamento diagramático e topológico em um sistema de diagramas lógicos. Peirce constrói, a partir de 1882 (cf. Roberts 1973; 18), e sistematicamente a partir de 1896 (MS 498, 500), um sistema de diagramas através do qual "*qualquer desenvolvimento do pensamento pode ser representado com precisão*" (Peirce CP 4.530). Este sistema permite investigar, de modo inequívoco para Burch (1997: 234; ver também Ketner 1995, Brunning 1997), o princípio de irreducibilidade das relações triádicas genuínas (Terceiridade genuína).

Segundo Peirce (CP 7.528),

Todos os elementos da experiência pertencem a 3 classes que, desde que são melhor definidas em termos de números, podem ser chamadas Categorias Cenopitagóricas.

A experiência é composta de 1<sup>st</sup>, experiências monádicas, ou simples [...]; 2<sup>st</sup>, experiências diádicas, ou recorrências [...] experiência direta de uma oposição de pares de objetos; 3<sup>st</sup>, experiências triádicas, ou compreensões [...] experiência direta que conecta outras possíveis experiências.

As categorias – Primeiridade, ou experiência MONÁDICA (*feeling-quality*), Segundidade, ou experiência DIÁDICA (*altersense*), Terceiridade, ou experiência TRIÁDICA (*medisense*) – são descritas e analisadas em diferentes domínios. Minha idéia é reunir algumas descrições, a partir de diversas passagens extraídas dos *Collected Papers*. Ao fim desta colagem de excertos, teremos uma razoável noção de duas das principais propriedades que constituem a lista de Peirce: *irreducibilidade* de seus elementos e completude da lista. Vou ignorar a terceira propriedade – *composicionalidade* de seus elementos, porque ela nos levaria longe demais: a uma ordem de pressuposição necessária entre os elementos da lista, e a uma divisão destes elementos em classes e sub-classes de relações.

Primeiridade é o modo de ser daquilo que é tal como é, positivamente e sem referência a qualquer outra coisa [...] perfeitamente simples e sem partes. As típicas idéias de Primeiridade são qualidades de feeling ou mera aparência. [...] É simplesmente uma possibilidade positiva peculiar sem observar qualquer outra coisa. [...] O primeiro é predominante no feeling. Por um feeling eu quero indicar um exemplo daquele tipo de consciência que não envolve qualquer análise, comparação ou qualquer processo. [...] O conteúdo todo da consciência é feito de qualidades de feeling, como o todo do espaço é feito de pontos ou o todo do tempo, de instantes (Peirce, CP 8.328, 1.531, 8.329, 1.302, 1.306, 1.317).

Segundidade é o modo de ser daquilo que é tal como é, com respeito a um segundo mas sem observar qualquer terceiro. [...] Típico de uma idéia de Segundidade é uma idéia de esforço, prescindido da idéia de um propósito. [...] A experiência de esforço não pode existir sem a experiência de resistência. Esforço somente é esforço em virtude de seu ser oposto. [...] Ocorre mais plenamente no choque da reação entre ego e não-ego. Está lá a dupla consciência de esforço e resistência. [...] Toda a característica real da consciência é meramente o sentido de choque do não-ego sobre nós. [...] Nós nos tornamos conscientes de nós mesmos nos tornando conscientes do não-self. O estado de vigília é uma consciência da reação. [...] A idéia de outro, de não, torna-se o pivô do pensamento (Peirce CP 8.328, 8.330, 8.266, 1.324).

Como, para Peirce, é “impossível resolver tudo em nossos pensamentos por meio destes dois elementos” (CP 1.343) – Primeiridade e Segundidade – embora haja tentativas para fazê-lo entre seus (CP 8.331), e nossos, contemporâneos, é necessário um terceiro elemento:

Algumas das idéias de Terceiridade proeminentes [...] são generalidade, infinidade, continuidade, difusão, crescimento e inteligência. [...] Terceiridade, no sentido da categoria, é o mesmo que mediação. [...] Cognições mediadas que é conhecimento através de alguma terceira idéia ou processo. [...] Sentido de Mediação é consciência de um meio termo ou processo, pelo qual alguma coisa, não-self, é reunido na consciência. Toda consciência de um processo pertence a este sentido de mediação (Peirce CP 1.340 1.328 7.544).

A coleção de propriedades associadas às três classes pode ser esquematicamente distribuída na Tabela 3 (abaixo).

A questão que deve ser formulada é a seguinte (ver, também, CP 1.363): esta lista é suficiente para explicar toda a variedade de formas observáveis na mente consciente? A resposta de Peirce (CP 7.551):

Não existem outras formas de consciência exceto as três que foram mencionadas: *Feeling*, Sentido de alteridade (*Altersense*), e Sentido de mediação (*Medisense*). Eles formam um tipo de sistema. *Feeling* é o conteúdo momentaneamente presente da consciência em sua simplicidade pristina, à parte qualquer outra coisa. É a consciência em seu primeiro estado, e poderia ser chamada primisense. Sentido de alteridade (*altersense*) é a consciência de um presente diretamente outro, ou segundo. [...] Sentido de mediação é a consciência de uma terceiridade, ou meio entre um Sentido de primeiro e um Sentido de Alteridade. [...] É a consciência de um processo de “trazer para mente”.

TABELA 3

Consciência de Primeiridade ou monádica	Consciência de Segundidade ou diádica	Consciência de Terceiridade ou triádica
<i>Feeling</i>	Experiência	representação
não-análise	<i>hard fact</i>	mediação
não-comparação	Oposição	processo
Instante	Esforço	cognição
sem partes	Ocorrência	hábito
Simplex	<i>Nowness</i>	generalidade
Qualidade	Resistência	continuidade
Possibilidade	<i>Hereness</i>	difusão
	Dualidade	crescimento
	Volição	semiose

Reproduzo, abaixo, a Tabela (4) organizada por N.Houser (1978, Apêndice 3 [*The Categories in Psychology*]: *Selected Alternative Designations*). Ela incorpora algumas propriedades que não foram listadas e seguem acompanhadas de respectivas datas.

TABELA 4

Ms.	data	Primeiridade	Segundidade	Terceiridade
901	1885	<i>Feeling</i>	Consciência de uma interrupção no campo da consciência/ sentido de resistência	Consciência sintética/ sentido de aprendizagem/ pensamento
359	1866	<i>Feeling</i>	esforço	concepções/ noções
909	1890	<i>feeling</i> imediato	Sentido de polaridade	Consciência sintética
1099	1891	Qualidades de <i>feeling</i>	reação (volição e experiência)	Aquisição de hábitos
445	1898	Qualidades de <i>feeling</i> ou consciência imediata	Sentido de reação entre dentro e fora: esforço e choque da experiência	Consciência de hábitos – formação ou aprendizagem
908	n.d.	pensamentos, puros e simples	sensações	paixões
1105	n.d.	<i>Feeling</i>	ações	pensamento
1106	n.d.	<i>Feeling</i>	esforço	(modo intelectual)
1107	n.d.	<i>feeling</i> / <i>premisense</i>	Sentido de alteridade	Sentido de mediação
P.-J.	1909	Sentido de qualidade	<i>molition</i>	Reconhecimento de hábito

## DISCUSSÃO E DESENVOLVIMENTO

Dada a enorme variedade terminológica e conceitual usada para explicar a heterogeneidade dos processos conscientes, cabe a pergunta: como saber se estamos tratando dos mesmos processos? É necessário prover uma solução abrangente que acomode e ajuste as diversas classificações.

As categorias de Peirce, um sistema altamente abstrato de idéias, podem funcionar como um modelo e como um meta-modelo de processos cognitivos conscientes. De acordo com este modelo três formas fundamentalmente distintas podem explicar qualquer estado da mente consciente. Precisamos: (i) desenvolver os experimentos iniciados pela Faneroscopia de Peirce e comparar os resultados destes experimentos com resultados recentemente obtidos em muitas áreas; (ii) trabalhar com a tipologia peirceana como um metamodelo de diversas classificações (ver Figuras 1 e 2); usá-la como uma ferramenta de interpretação e análise destas classificações. Esquemáticamente, temos a seguinte situação:

FIGURA 1. COMPARAÇÃO DAS DIVISÕES TRICOTÔMICAS DE PEIRCE COM AS DE TULVING E ARMSTRONG.

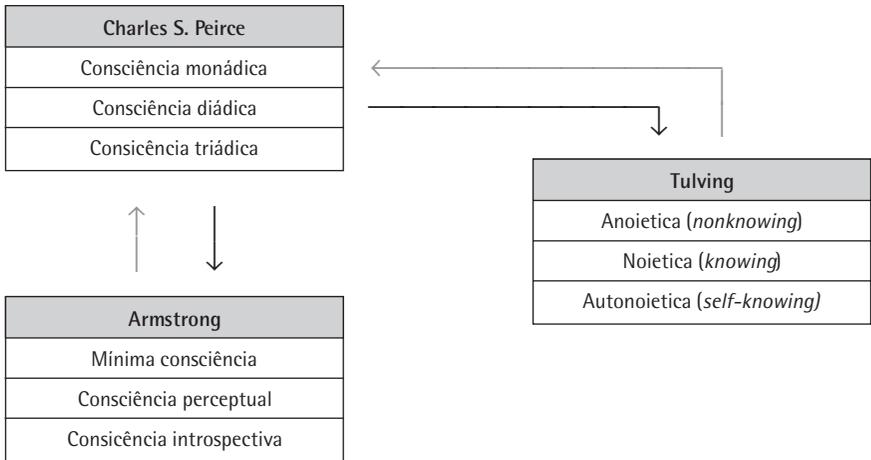
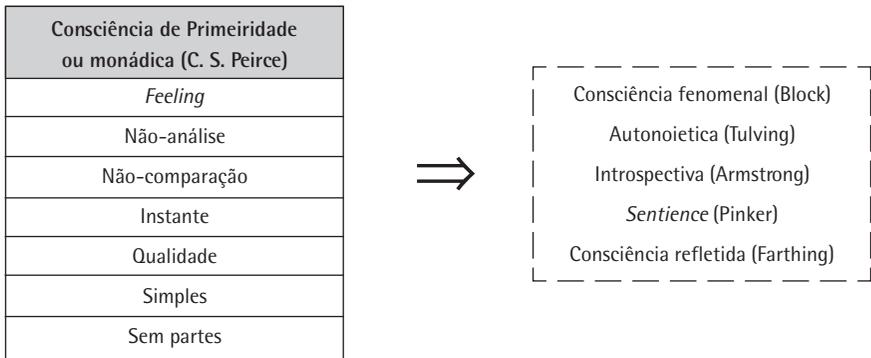


FIGURA 2. COMPARAÇÃO DA CONSCIÊNCIA MONÁDICA DE PEIRCE COM TIPOS SUPOSTAMENTE CORRESPONDENTES DE CONSCIÊNCIA, PARA DIVERSOS AUTORES.



Um cuidadoso exame das relações entre estas classificações – com o estabelecimento preciso de critérios e parâmetros de comparação – deve ser objeto de um trabalho ulterior. Reitero que meu propósito, aqui, é definir e demarcar os limites de um problema. Não me surpreenderia em ouvir a seguinte pergunta, que, aliás, acho pertinente: por que a proposta de uma nova tipologia não adicionaria mais, e novos, problemas às discussões? A principal razão é que estamos tratando, no caso das categorias de Peirce, com um modelo que resulta de um projeto sistemático

que combina estratégias de investigação formais e empírico-indutivas. Evidentemente isso não garante, por si só, a eficácia do sistema. Em última instância, como qualquer teoria ou modelo, ele deve ser capaz de prever ou explicar *melhor* o fenómeno selecionado.

Minha sugestão de que o modelo Peirceano tricotômico de consciência possa funcionar como um metamodelo das classificações mencionadas baseia-se, especialmente, em sua generalidade e escopo de aplicações, resultante do tratamento formal a que foi sistematicamente submetido. Na fundação deste modelo está o conceito de relação. Peirce propõe uma teoria da cognição baseada em uma teoria geral das relações que funcione como uma "stecheology" (CP 1.191) do pensamento (ver Houser 1997: 15). Segundo esta teoria (Peirce MS 931: 396), "*tudo o que nós sabemos, sabemos apenas por suas relações, e tudo o que podemos saber são relações*". A classificação apresentada separa o conteúdo da mente consciente em elementos distintos — relações indecomponíveis. Minha sugestão é que tais elementos — *feeling*, *altersense* e *medisense* — são capazes de descrever e analisar, com uma precisão e generalidade desconhecidas pelos autores mencionados neste trabalho, as muitas classificações desenvolvidas sobre consciência.

## REFERÊNCIAS

- ARMSTRONG, DM. (1979). *Three types of consciousness*. Ciba Found Symp: 69 235-53. Ciba Found Symp.
- ATKINSON, Anthony P., Michael S.C. Thomas & Axel Cleeremans. (2000). Consciousness: mapping the theoretical landscape. *Trends in Cognitive Sciences*, 4:372-382.
- BLOCK, Ned. (1995). On a confusion about a function of consciousness. *Behav. Brain Sci.*, 18: 227-287.
- \_\_\_\_\_ (1995). On a confusion about a function of consciousness. *Behav. Brain Sci.*, 18: 227-287.
- \_\_\_\_\_ (1996). How can we find the neural correlate of consciousness? *TINS* 19 (11): 456-459.
- BRUNNING, Jacqueline. (1997). "Genuine Triads and Teridentity". In: *Studies in the logic of Charles Sanders Peirce*: 252-270. (Eds.) HOUSER, N.; ROBERTS, D.; EVRA, J.. Indiana University Press.
- BURCH, Robert. (1991). *A Peircean Reduction Thesis*. Texas Tech University Press.
- \_\_\_\_\_. 1997. Peirce's Reduction Thesis. In: *Studies in the Logic of Charles S. Peirce*. (Eds.) HOUSER, N.; ROBERTS, D.; EVRA, J.. Indiana University Press.
- BURGE, Tyler (1997). Two kinds of consciousness, em *The Nature of Consciousness – Philosophical Debates*. (Eds.) BLOCK, Ned, FLANAGAN, Owen, GUZELDERE, Guven. Cambrigde, Mass.: MIT Press.
- CHALMERS, David (1997). Availability: the cognitive basis of experience, em *The Nature of Consciousness – Philosophical Debates*. (Eds.) BLOCK, Ned, FLANAGAN, Owen, GUZELDERE, Guven. Cambrigde, Mass.: MIT Press.
- CHURCHLAND, Paul (1984). *Matter and Consciousness*. Cambrigde, Mass.: MIT Press.
- COLAPIETRO, Vincent (1989). *Peirce's Approach to the Self: a semiotic perspective on human subjective*. New York: State University of New York Press.

- DAMASIO, Antônio. (2000). *O Mistério da Consciência*. (Trad. Laura Teixeira Mota). São Paulo: Companhia das Letras.
- DAWKINS, Richard (2000). *Desvendando o Arco-Iris*. São Paulo: Companhia das Letras.
- FARTHING, G. W.(1992). *The Psychology of Consciousness*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice Hall.
- FREEMAN, Eugene. (1934). *The Categories of Charles Peirce*. The Open Court Publishing Company.
- GAZZANIGA, Michael, IVRI, Richard, MANGUN, George (1998). *Cognitive Neuroscience: the biology of the mind*. W.W.Norton & Company.
- HAUSMAN, Carl. (1993). *Charles Sanders Peirce's Evolutionary Philosophy*. Cambridge University Press.
- HOOKWAY, Christopher. (1985). *Peirce*. Routledge & Kegan Paul.
- HOUSER, Nathan (1978). *Peirce on the Structure of Consciousness* (Thesis presented to the University of Waterloo – Ontario).
- \_\_\_\_\_ (1997). Introduction: Peirce as Logician. In: *Studies in the Logic of Charles S. Peirce*. (Eds.) HOUSER, N.; ROBERTS, D.; EVRA, J.. Indiana University Press.
- KETNER, Kenneth. (1986). Peirce's most lucid and interesting paper: an introduction to cenopythagoreanism. *International Philosophical Quarterly* 26: 375-392.
- \_\_\_\_\_ (1987). Identifying Peirce's 'most lucid and interesting paper. *Transactions of the Charles Sanders Peirce Society* 23: 4: 537-555.
- \_\_\_\_\_ (1995). *A Thief of Peirce – The letters of Kenneth L. Ketner and Walker Percy*. (Ed.) SAMWAY, Patrick. University Press of Mississippi.
- KUNTZ, P. G. (1994). Doing Something for the Categories: The Cable of Categorical Methods and the Resulting Tree of Categories. In: *From Time and Chance to Consciousness: Studies in the Metaphysics of Charles Peirce*. (Eds.) MOORE, E. & ROBIN, R. Oxford/Providence, USA: Berg.
- KURTHEN A. Martin, Thomas Grunwald and Christian E. Elger. (1998) Will there be a neuroscientific theory of consciousness? *Trends in Cognitive Sciences*, 2:229-234.
- MURPHEY, Murray. (1993). *The Development of Peirce's Philosophy*. Harvard University Press.
- NATSOULAS, T. (1978). *Consciousness. Am. Psychol.* 33: 906-914.
- NUBIOLA, Jaime (2000). Complexity according to Peirce. In: *Digital Encyclopedia of C.S.Peirce*. (Ed.) PAPE, Helmut. (1997). The logical structure of idealism: C.S.Peirce's search for a logic of mental processes. In: *The Rule of Reason*. (Eds.) BRUNNING, J. & FORSTER, P.. University of Toronto Press.
- PARKER, Kelly. (1998). *The Continuity of Peirce's Thought*. Vanderbilt University Press.
- PEIRCE, C. S. (1931-1935). *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Electronic edition. Vols. I-VI. (Eds.) HARTSHORNE, C. & WEISS, P.. Charlottesville: Intelix Corporation. Cambridge: Harvard University. [Citado como CP, seguido pelo número do volume e parágrafo.]
- \_\_\_\_\_ *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce* (1958). Vols. VII-VIII. (Ed.) BURKS, A. W.. Electronic edition. Charlottesville: Intelix Corporation (1994 [1866-1913]). [Citado como CP, seguido pelo número do volume e parágrafo.]
- \_\_\_\_\_ (1976). *New Elements of Mathematics by Charles S. Peirce*. (Ed.) EISELE, C.. The Hague: Mouton. [Citado como NEM, seguido pelo número da página.]
- \_\_\_\_\_ (1966). *MS The Charles S. Peirce Papers*. (32 microfímes de manuscritos – Houghton Library) Cambridge: Harvard University Library (Photographic Service). [Citado como MS, seguido pelo número da página do microfíme.]
- ROBERTS, Don (1973). *The Existential Graphs of Charles S. Peirce*. Mouton: The Hague.
- RORTY, Richard. (1971). In defence of eliminative materialism, em *Materialism and the Mind-Body*

- Problem.* (ed.) ROSENTHAL, D.M. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- ROSENTHAL, Sandra. (1994). *Charles Peirce's Pragmatic Pluralism*. Loyola University: State University of New York Press.
- \_\_\_\_\_. (1997). Pragmatic Experimentalism and the Derivation of the Categories. In: *The Rule of Reason*. (ed.) BRUNNING, Jacqueline & FORSTER, Paul. University of Toronto Press.
- \_\_\_\_\_. (prelo). Categories, Pragmatism, and Experimental Method. In: *Digital Encyclopedia of C.S.Peirce*. (Ed.) QUEIROZ, João [www.tr3s.com.br/peirce](http://www.tr3s.com.br/peirce)
- SANTAELLA, Lúcia. (1992). *A Assinatura das Coisas*. São Paulo: Editora Imago.
- SEARLE, John (2000). *Mente, Linguagem e Sociedade*. (Trad. F. Rangel) Editora Rocco.
- TULVING, E., (1985). How many memory systems are there? *Am. Psychol.* 40:385-398
- YOUNG, A.W. & Block, N. (1996) Consciousness, em *Unsolved Mysteries of the Mind: Tutorial Essays in Cognition* (Ed.) BRUCE, V. Lawrence Erlbaum.
- WILKES, K. V. (1988). Yishi, duh, um, and consciousness. In: *Consciousness in Contemporary Science*, (Eds.) MARCEL, A. J. & BISIACH, E. New York: Oxford University Press.

## Fontes na web

- ALLEN, Colin. (2000). Animal cognition and animal minds. <http://grimpeur.tamu.edu/~colin/Papers/konstanz.html>
- QUEIROZ, João. [www.tr3s.com.br/peirce](http://www.tr3s.com.br/peirce)
- UTTAL, William R. (2000). *On the Limits of Localization of Cognitive Processes in the Brain*. [http://cognet.mit.edu/bboard/ed-com-msg.tcl?msg\\_id=00004c&latest=1](http://cognet.mit.edu/bboard/ed-com-msg.tcl?msg_id=00004c&latest=1)

JOÃO QUEIROZ ([queirozj@uol.com.br](mailto:queirozj@uol.com.br)) é doutorando do Programa de Pós-Graduação de Comunicação e Semiótica (COS/PUC-SP), pesquisador associado do CIMID (Centro de Investigação em Mídias Digitais: <http://www.pucsp.br/~cimid/>) e diretor de pesquisas do CECCS (Centro de Pesquisas de Ciências Cognitivas e Semiótica: <http://www.pucsp.br/~cos-puc/ceccs/index.html>), onde organiza grupos de discussão, congressos e publicações (por exemplo, CECCS – *Technical Reports*; [www.tr3s.com.br/peirce](http://www.tr3s.com.br/peirce)). Foi *Visiting Scholar* (1997-98) no *Research Center for Language and Semiotic Studies* em Bloomington (*Indiana University*) e *Visiting Researcher* (1999) no *Peirce Edition Project* (IUPUI). Seus principais interesses: Filosofia da Mente, Semiótica e Filosofia de C.S.Peirce, Ciências Cognitivas.

AGRADECIMENTOS: Agradeço a Beatriz M. Longo pela cuidadosa leitura crítica deste artigo e a Nathan Houser pelas sugestões à sua primeira formulação. Este trabalho foi desenvolvido com apoio da FAPESP (97/06018-4).